

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA - UAHIS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

**LITERATURA DE CORDEL: RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA
PARA COMPREENÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS DE ACORDO COM
A LEI Nº 11.645/2008**

ISAAC JOSÉ DA SILVA

**ORIENTADOR (A)
PROF(A) DRA. MARINALVA VILAR DE LIMA**

**CAMPINA GRANDE, PARAÍBA
DEZEMBRO DE 2018**

**LITERATURA DE CORDEL: RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA
PARA COMPREENÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS DE ACORDO COM
A LEI Nº 11.645/2008**

ISAAC JOSÉ DA SILVA

Artigo apresentado ao curso de Especialização em Educação para as Relações Étnico-raciais da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do título de especialista.

ORIENTADORA: Prof.(a) Dra. Marinalva Vilar De Lima

**CAMPINA GRANDE, PARAÍBA
DEZEMBRO DE 2018**

LITERATURA DE CORDEL: RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA PARA COMPREENÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS DE ACORDO COM A LEI Nº 11.645/2008

Isaac José da Silva¹

Resumo: O objetivo do presente trabalho é discutir a utilização da literatura de cordel como recurso didático para tratar as relações étnico-raciais no ensino de História de acordo com a Lei 11.645/2008. Atualmente, um dos desafios dos professores em sala de aula é o de atrair a atenção e a participação dos alunos nas aulas de história, seja pelo fato dos alunos não terem o hábito de ler ou pelo fato de sentirem dificuldades em interpretar/entender os textos contidos no livro didático ou textos complementares. Outra questão importante é a instigação de colocar em prática o conhecimento adquirido na universidade, estimulando a pesquisa e não apenas a mera transmissão de conhecimento. Ora, os professores devem adotar várias práticas educativas, devendo considerar as propostas expressas nos currículos da disciplina. Sendo assim, a literatura de cordel se encaixa no debate de currículo e práticas educativas. As fontes utilizadas são folhetos do economista e poeta Medeiros Braga e do cordelista Manoel Monteiro da Silva. Desta forma, o intuito é possibilitar aos alunos o contato com uma fonte de natureza distinta daquela encontrada nos livros didáticos, que possibilita ao aluno a prática de leitura, já que os folhetos trazem uma linguagem simples e de fácil compreensão. O uso do cordel possibilita uma maior participação dos alunos nas aulas, utilizando o método da leitura coletiva e o estímulo à pesquisa, analisando os discursos dos poetas diante dos acontecimentos e o incentivo à produção de cordéis pelos alunos, habituando, além da prática da leitura, a escrita e reescrita. Logo, a literatura de cordel pode configurar uma linguagem alternativa para o ensino de História no debate das relações étnico-raciais.

Palavras-chaves: Ensino de História. Literatura de cordel. Recurso didático. Étnico-raciais.

ABSTRACT: The purpose of this paper is to discuss the use of cordel literature as a didactic resource to treat ethnic-racial relations in the teaching of History in accordance with Law 11.645 / 2008. Currently, one of the challenges of classroom teachers is to attract the attention and participation of students in history classes, either because they are not in the habit of reading or because they find it difficult to interpret / understand the texts of the textbook or supplementary texts. Another important issue is the instigation of putting into practice the knowledge acquired in the university, stimulating research and not merely the transmission of knowledge. However, teachers should adopt several educational practices, which should also consider the proposals expressed in the curricula of the discipline. Thus, cordel literature fits into the curriculum debate and educational practices. The sources used are pamphlets of the economist and poet Medeiros Braga and the twister Manoel Monteiro da Silva. In this way, the intention is to enable students to contact a source of a nature different from that found in textbooks, which enables the student to practice reading, since the leaflets bring a simple and easy to understand language. The use of the string allows a greater participation of the students in the classes, using the method of collective reading, and the stimulus to the

¹ Pós-graduando em Educação para as Relações Étnico-Raciais pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. E-mail: isaacsil2014@gmail.com.

research, analyzing the speeches of the poets in front of the events, and the encouragement of the production of cords by the students, habituating beyond the practice of reading, also writing and rewriting. Therefore, the cordel literature can configure an alternative language for the teaching of History in the debate of ethnic-racial relations.

Key-words: Teaching History. Literature of twine. Didactic resource. Ethnic-racial.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo se insere no debate acerca de práticas educativas no ensino de História a partir do currículo da disciplina, contido nos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais). A pesquisa é resultado da nossa vivência em sala de aula, cuja preocupação principal é compreender a dimensão educativa dos folhetos de cordel nas aulas de História. A hipótese que norteia o presente estudo é que o conteúdo que permeia os cordéis selecionados para a análise e produção deste artigo, permite a construção de concepções e compreensões sobre a história e a cultura dos negros e dos povos ameríndios.

Diante das experiências em sala com a literatura de cordel, percebemos o quanto os folhetos de cordel são valiosos e consideráveis para serem utilizados como recurso didático-pedagógico, eles são uma fonte rica, podem proporcionar aos professores de História, e de outras disciplinas, múltiplas alternativas para o ensino. Convidamos a você, leitor, para embarcar conosco nesta proposta, onde discutiremos a utilização de folhetos de cordel no ensino de História, aproveitando as rimas para contar as tramas e os fatos de outrora do povo negro e indígena do nosso país, tomando como exemplo o conteúdo da resistência negra no período da escravidão no Brasil (XVI - XIX), conteúdo em geral presente no 8º ano do Ensino Fundamental dos Anos Finais. Sem esquecer, claro, os fatos históricos que envolvem o povo ameríndio.

É importante citarmos que a Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008, aprovada pelo Congresso Nacional, altera a Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as Diretrizes e Bases Curriculares da Educação Nacional, incluindo no currículo oficial da rede de ensino pública e privada a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira e indígena nas instituições de Ensino Fundamental e Médio. Sendo assim, discutiremos a opção em trabalhar a temática estabelecida nas leis citadas anteriormente, utilizando-se da literatura de cordel, a qual, além de ser uma fonte rica de informações, é uma ferramenta regional e de fácil acesso tanto para os professores quanto para os alunos.

O ensino de história é desafiador, e observamos no cotidiano escolar que uma boa parcela de alunos não se identifica com a disciplina História, cabe ao professor utilizar-se de diversas ferramentas didáticas para facilitar o entendimento e absorção dos conteúdos pelos alunos. Sendo assim, o professor deve mostrar ao aluno a importância do estudo da história, revelar a necessidade de conhecer os acontecimentos do passado da sua comunidade, da sua cidade, do seu estado, do seu país, da humanidade e também respeitar as fontes. É com o conhecimento histórico que o aluno irá compreender o valor da cultura, entender as relações humanas no decorrer do tempo, se identificar como cidadão, localizar-se no mundo. Conforme Brodbeck (2012),

Entendemos que o ensino de História no Ensino Fundamental pode se beneficiar de novas abordagens como, por exemplo, aquelas incorporadas pela chamada “Nova História Cultural”, corrente historiográfica que trabalha com micro-história e a história do cotidiano, valorizando a diversificação de documentos, como imagens, canções, objetos arqueológicos, entre outros, na construção do conhecimento histórico. Tal diversidade permite relações interdisciplinares com outras áreas do conhecimento. (BRODBECK, p.15. 2012)

Sendo assim, os folhetos de cordel funcionam como fonte alternativa para ajudar na construção do saber histórico, além de ser uma importante ferramenta didática em sala de aula no componente curricular História.

2. A LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO

Diante da riqueza de informações contidas nos folhetos, o cordel se torna um grande aliado dentro dos recursos pedagógicos que o professor pode usar para ser trabalhado em sala de aula, “a literatura de Cordel ou de folhetos deve ter um espaço na escola, nos níveis fundamental e médio levando em conta as especificidades desse tipo de produção artística” (MARINHO E PINHEIRO, 2012, p. 11). Pensando nisso, os “folhetos de circunstância” ou “folhetos de época” são excelentes para os professores de História trabalhar em sala de aula, os autores apontam que “nesses folhetos é possível encontrar desde as últimas notícias sobre acontecimentos políticos do país e do mundo, até histórias de pessoas famosas” (MARINHO E PINHEIRO, 2012, p. 26). Desse modo, é essencial que o professor, a partir do tema relativo ao conteúdo programático que está trabalhando, faça um levantamento dos folhetos que podem ser utilizados nas aulas.

Nesse sentido, a escolha dos “folhetos de circunstância” contempla os objetivos expressos nos Parâmetros Curriculares Nacionais no processo de ensino e aprendizagem da disciplina de História para o Ensino Fundamental:

(...) são favorecidos os trabalhos com fontes documentais e com obras que contemplam conteúdos históricos. (...) O confronto de informações contidas em diversas fontes bibliográficas e documentais pode ser decisivo no processo de conquista da autonomia intelectual dos alunos. Pode favorecer situações para que expressem suas próprias compreensões e opiniões sobre os assuntos, investiguem outras possibilidades de explicação para os acontecimentos estudados. (BRASIL, p. 65)

O uso da literatura de cordel é salutar pelo fato de consistir também como um recurso que contribui para o desenvolvimento da leitura e escrita entre os alunos. Nessa perspectiva, o cordel funciona como um recurso facilitador da leitura, já que a sua linguagem é em forma de rimas.

A estrutura dos folhetos de cordel é composta de métricas e rimas inescapáveis nos seus formatos, eles podem ter vários modelos, geralmente, o cordel é escrito em forma de sextilha, estrofes de seis versos, com versos de sete sílabas poéticas. Obrigatoriamente, o segundo, o quarto e o sexto versos devem rimar entre si. Outra forma utilizada é a septilha, possui estrofes de sete versos, tem a seguinte rima: o segundo, o quarto e o sétimo verso rimam entre si e o quinto e sexto tem uma segunda rima entre si. Existem também os formatos décima, martelo agalopado e galope à beira mar. A linguagem popular inserida nos cordéis se torna mais fácil de ser compreendida pelos alunos.

Entretanto, é importante salientar que a proposta de utilização do cordel no ensino de História não descarta o livro didático, os folhetos são um complemento para ajudar na exposição do conteúdo em sala. O professor deve antes de trabalhar os folhetos nas aulas, fazer uma introdução do conteúdo. Nessa proposta, o professor deve, primeiramente, ministrar o conteúdo, como por exemplo, sobre a chegada dos portugueses no território batizado pelos nativos como Pindorama em 1500 (geralmente incluído nos programas do 7º ano e/ou 8º ano do Ensino Fundamental com o livro didático, para depois fazer uso do folheto o Holocausto dos Homens Nus).

Os alunos devem saber para que vão ler o gênero literário indicado pelo professor. É “indispensável que o professor prepare bem a leitura do folheto tendo em vista que as gerações mais jovens podem não ter convivência com a literatura de cordel. Dada a temática de cada narrativa, muitas atividades podem ser feitas com ou a partir dos folhetos”

(MARINHO E PINHEIRO, 2012 p.129). Por motivação, entende-se que “qualquer que seja o método de abordagem do texto literário, o debate em algum momento deverá ser sempre privilegiado” (MARINHO E PINHEIRO, 2012 p. 130). Esses conhecimentos/entendimentos prévios viriam na introdução do conteúdo ministrado pelo professor a partir do livro didático. Assim, durante a leitura do cordel, os alunos irão reconhecer o assunto tratado.

Outro ponto relevante em utilizar o cordel em sala de aula é o método a ser utilizado. O mais adequado ao se trabalhar com o cordel é a leitura coletiva, onde os alunos realizariam a leitura dos folhetos em voz alta. Estimulando a participação dos alunos nas aulas.

3. FOLHETOS DE CORDEL: TRABALHANDO COM AS HISTÓRIAS DOS POVOS INDÍGENAS EM VERSOS

Após algumas pesquisas no site da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, encontramos o folheto de Manoel Monteiro da Silva², *O Holocausto dos Homens Nus*, com assuntos referentes à chegada dos portugueses no território onde hoje é o Brasil, também narra as relações e os conflitos entre os povos nativos e os europeus, e faz uma exposição da cultura e tradições dos povos indígenas de forma bem detalhada.

Como qualquer fonte, o folheto de cordel precisa ser olhado com criticidade e entendido dentro do contexto em que foi produzido. O cuidado que o professor deve ter com esses folhetos selecionados é que eles não foram produzidos por um historiador, o cordelista depositou na obra a sua visão e/ou entendimento do fato exposto.

Iniciaremos, então, a análise dos folhetos que podem ser utilizados em sala de aula, com o processo que aborda os conflitos entre os europeus e nativos no período de conquista e colonização do território brasileiro.

O cordelista Manoel Monteiro, na sua obra *o holocausto dos homens nus*, logo nos primeiros versos, faz crítica ao discurso que afirma que os portugueses descobriram o Brasil, já que o termo reflete a visão eurocêntrica, ignora a humanidade dos nativos, ora, “apesar das divergências, todos os pesquisadores concordam com o fato de que a penetração humana ocorreu por meio de sucessivas ondas migratórias muito antes de Cristovão Colombo e de

² Nasceu em Bezerros, PE, em 1937. Mudou-se na década de 1950 para Campina Grande. Realizou importante trabalho de divulgação da literatura de cordel nas escolas da região. Tem uma produção vastíssima, abrangendo pelepas, romances, vida de escritores e grandes personagens históricas. Atualmente, vem se dedicando a versar para o cordel contos de fadas e fábulas. Dentre sua vasta obra destacamos: A estória de E.T. o homem de outro mundo, a estória do rei, do rato e do gato e o holocausto dos homens nus.

Pedro Álvares Cabral” (SOUZA, 2012 p. 25). Sendo assim, podemos concordar com o cordelista, pois as terras do Novo Mundo já eram habitadas, os brancos chegaram e invadiram, encontraram sociedades organizadas, com suas culturas, tradições e crenças. Vejamos os versos abaixo:

Quando o branco aqui chegou
Não pôde descobrir nada
Porque a terra habitada
De norte a sul encontrou
Mas mesmo assim se apossou
Dizendo tudo isso é meu
Impôs o jugo europeu
Como fazem os opressores
Numa troca de valores
Onde só o índio perdeu.

Lá em coroa vermelha
Cabral esperto e mateiro
Para engabelar os índios
Mandou Diogo e um gaiteiro
Começar o Morticínio
Do povo pindorameiro.

O índio em muitas nações:
Caribes, Gês, Guaranis
Araques e tupis
Chegaram aos muitos milhões
Mas depois das invasões
do europeu truculento
Vive um ocaso cinzento
E um desespero mudo
Quem já foi dono de tudo
Hoje não tem dez por cento.

A partir da leitura dos versos acima, o docente se deparará com várias informações importantes para produzir debates com os alunos, a exemplo do nome do território batizado pelos nativos ou a diversidade étnica do povo indígena, no qual irá complementar as abordagens realizadas com as leituras de textos e do livro didático utilizado pelo professor.

Os ameríndios foram vítimas da ambição e da ganância dos europeus, desde a chegada dos povos ibéricos ao Novo Mundo. Os europeus não aceitavam “a humanidade” dos nativos americanos, por vários fatores, entre eles o fato de andarem nus, de não acreditarem no deus dos brancos, nem conhecer as leis adotadas pelos homens do velho continente. No cordel, Manoel Monteiro faz uma crítica às atitudes tomadas pelos brancos na chegada ao continente americano, apontando a imposição da cultura, religião e exploração “desleal” ao povo indígena. Observe os versos a seguir:

Os Xukuru, Kariri,
 Maxacali e outros povos
 Beberam os costumes novos
 Que o branco trouxe pra'qui
 Só que começou ali
 A sua infelicidade
 Por pura ingenuidade
 Ao trocar ouro por tangas
 Ganhavam muitas missangas
 Mas perdiam a liberdade

No verso *beberam costumes novos*, o cordelista aponta o choque de culturas que houve no momento da chegada dos europeus, no qual, estes questionavam se aqueles seres “descobertos” eram realmente humanos e tratam de impor seus costumes brancos, negando a identidade dos nativos, classificando-os como animais, vejamos a seguir:

Nenhum europeu do período da “descoberta” foi capaz de imaginar a complexidade e a heterogeneidade de culturas e sociedades sobre a cruz e a espada exerciam dominação e violência. Os europeus recém-chegados neste continente chamaram de “índios” os seus habitantes, e o termo passou a ser aplicado em sentido genérico e abstrato para todos quantos aqui se encontrava antes dos europeus. (SOUZA, 2012, p. 26)

No folheto, Manoel Monteiro aponta a heterogeneidade dos povos na América, vemos que no primeiro e no segundo verso ele cita alguns povos que habitavam o território onde atualmente é o Brasil, no período da chegada dos europeus. É importante discutir este ponto com os discentes para mostrar a riqueza da diversidade cultural existente na época, fazendo um paralelo com dos dias atuais dos povos ameríndios.

Dessa forma, diante dos versos supracitados, podemos propiciar diversas discussões em sala de aula referindo-se a temática indígena, discutir sobre a cultura, os conflitos entre os nativos e os europeus, as tradições, a diversidade e varias outras questões que podem ser levantadas pelo docente nas aulas de História. Lembrando, é claro, de sempre apresentar previamente o conteúdo usado o livro didático ou textos complementares, para depois apresentar a literatura de cordel.

4. OS QUILOMBOS NARRADOS EM CORDÉIS: UM RECURSO ALTERNATIVO PARA EXPLANAR A LUTA E A RESISTÊNCIA DOS NEGROS

Para discussão acerca do povo negro, tratar de escravidão, cultura, luta pela liberdade e resistência ao trabalho nas fazendas, pesquisei em bancas de jornal na Praça da Bandeira, Centro de Campina Grande – PB, folhetos que abordassem tais temas. Encontrei diversos e selecionei um folheto do cordelista Medeiros Braga, intitulado *O Quilombo dos Palmares – Uma História de Resistência e Bravura*, de 2017.

No folheto selecionado, o autor narra a história do Quilombo de Palmares. Os quilombos eram criados por escravos fugitivos das terras dos senhores de engenho, que viam nestes locais uma forma de se tornarem livres, longe da exploração e do sofrimento, como elucidada o trecho a seguir:

A fuga levava à formação de grupos de escravos fugidos, aos quais frequentemente se associavam outras personagens sociais, aconteceu nas Américas onde vicejou a escravidão. Tinha nomes diferentes: na América espanhola, *palenques*, *cumbes* etc.; na inglesa *marrons*; na Francesa, *grand morronage*[...]No Brasil esses grupos eram chamados principalmente de quilombos e mocambos e seus membros, quilombolas, calhambolas ou mocambeiros. (REIS E GOMES, 2012, p. 10)

No cordel “O Quilombo de Palmares”, Medeiros Braga traz em seus versos um pouco da história dos negros, que eram capturados pelos escravocratas na África e trazidos para o Brasil em navios negreiros, em condições desumanas (muitos não resistiam a terrível viagem), quando chegavam a terras estrangeiras, eram vendidos em leilões como animais. De acordo com João José Reis e Flávio dos Santos Gomes, os europeus escravizaram os africanos,

chegaram a explorar cerca de 15 milhões de homens e mulheres, retirados à força de suas terras. Consoante Reis e Gomes (2012),

O tráfico de escravos através do atlântico foi um dos grandes empreendimentos comerciais e culturais que marcaram a formação do mundo moderno e a criação de um sistema econômico mundial. A participação do Brasil nessa trágica aventura foi enorme. Para o Brasil, estima-se que vieram perto de 40% dos escravos africanos[...] foram os africanos e seus descendentes que construíram a força de trabalho principal durante os mais de trezentos anos de escravidão. (REIS E GOMES, 2012, p. 9).

A escravidão foi por um longo período um sistema de trabalho utilizado pelos senhores e pela nobreza para enriquecerem a custa da mão de obra dos negros trazidos à força para o Brasil. Vejamos os versos abaixo:

Assim, eis, que de repente
Com seu desdém à riqueza
Vivendo nos seus costumes
Lições puras de nobreza,
Era a África invadida,
Escravizada, extorquida
Sem condições de defesa.

Grandes navios negreiros
Partiam sem condições
Levando preso a correntes
Encravadas em grilhões
As vítimas injustiçadas
Fortemente dominadas
Sem forças para reações.

No seu porão poluído,
Insalubre e pouco ar,
Os esforços, alimentos,
Os lemes pra navegar,
Levavam com tal maldade
A morrer mais da metade
Na travessia do mar.

Chegando aqui no Brasil

Já estava definido,
O engenho, a senzala,
A ser então recolhido,
Mas, ante a humilhação
De vir a ser, por leilão,
Em praça pública vendido.

Ao analisar os versos acima, observamos que o cordelista aponta a situação crítica vivida pelos africanos capturados, que eram retirados da sua terra e trazidos para o Brasil. Ele cita a difícil travessia dos negros em navios que apresentavam péssimas condições para seres humanos, estes eram humilhados e não tinham mais a liberdade.

Todo sofrimento, humilhação, exploração e opressão sofridos pelos africanos e seus descendentes fazia com que o sentimento de revolta e o desejo pela liberdade aflorassem, o que desencadeou várias revoltas e lutas contra o sistema imposto pela sociedade escravista, colaborando para a formação de espaços de resistência denominados quilombos. Era evidente que “mesmo sob a ameaça do chicote, o escravo negociava espaços de autonomia com os senhores fazia corpo mole no trabalho, quebrava ferramentas, incendiava plantações agrediam senhores e feitores, rebelava-se individual e coletivamente” (REIS E GOMES, 2012, p. 9).

Durante o período colonial, um dos quilombos mais conhecidos da história brasileira foi Palmares, instalado na serra da Barriga, atual região de Alagoas. Com o passar do tempo, Palmares se transformou em uma espécie de confederação, abrigava os vários quilombos que existiam naquela localidade. Seu crescimento ocorreu principalmente entre as décadas de 1630 e 1650, quando a invasão dos holandeses prejudicou o controle sobre a população escrava. Como explica Vainfas (2012),

Palmares foi, com efeito, a maior rebelião e a manifestação mais emblemática, como é sabido, dos quilombos coloniais. Resistiu por cerca de cem anos às expedições repressivas, promoveu assaltos aos engenhos e povoações coloniais e estimulou fugas em massa escravos na capitania. Palmares provocou tanta inquietação entre os colonos, padres e funcionários del rei que a própria monarquia portuguesa, submetida a inúmeras pressões, tentou em diversos momentos negociar com os rebeldes, a exemplo do que os governos coloniais fizeram ou fariam em outras partes da Afro-América. (VAINFAS, 2012, p. 70)

A prosperidade e a capacidade de organização desse imenso quilombo representaram uma séria ameaça para a ordem escravocrata vigente. Não por acaso, vários governos que controlavam a região organizaram expedições que tinham por objetivo estabelecer a

destruição definitiva de Palmares. Contudo, os quilombolas resistiram de maneira eficaz e, ao longo de oitenta anos, conseguiram derrotar aproximadamente trinta expedições militares organizadas com este mesmo objetivo. No *cordel O quilombo dos Palmares – uma história de resistência e bravura*, os versos exalta a grandeza do movimento dos negros em Palmares, observemos abaixo:

No Nordeste Brasileiro
 Dos mais altos patamares
 Que atraiu vários povos
 Das senzalas e dos lares,
 Foi, por sua resistência
 De luta e veemência,
 O quilombo dos Palmares.

Encravava-se o quilombo
 Dentro da Capitania
 De Pernambuco que tinha
 A sua soberania
 No Estado de Alagoas
 Indo até as terras boas
 Que Sergipe englobaria.

Ficava, exato, o quilombo
 Lá na Serra da Barriga,
 Em União dos Palmares,
 Área solidária e amiga
 Que, com lar dos cativos,
 Recebia os fugitivos
 E lhes tirava a fadiga.

Portanto, o cordel reafirma, através dos versos, que Palmares foi um dos grandes movimentos de resistência de cativos dos quilombos coloniais, localizado na Capitania de Pernambuco. No cordel, os versos nos mostram esses embates, destacamos a estrofe abaixo:

Foi um dos grandes embates
 O da força portuguesa
 Que invadiu o quilombo
 E conseguiu a proeza
 De levar vivo dali

O menino, que Zumbi
Seria na redondeza.

Mediante a resistência daquela população quilombola e não mais suportando a exaustão das derrotas, o governador de Pernambuco, Aires Sousa e Castro, e Ganga Zumba, importante líder palmarino, assinaram o chamado “acordo de 1678” ou “acordo de Recife”. Por esse tratado, o governo pernambucano reconhecia a liberdade de todos os negros nascidos em Palmares e concedia a utilização dos terrenos localizados na região norte de Alagoas. Sobre as pressões impostas pelos negros rebeldes e os acordos feitos pela coroa portuguesa, Price (2012) nos revela que

Nossa compreensão do tratado de 1678, assinado por Ganga Zumba em Recife, merece melhor interpretação com base em tratados análogos do Suriname. O acordo dos palmarinos para devolver às autoridades os membros da comunidade que não houvessem nascido em Palmares tem sido interpretado pelos estudiosos como um exemplo de fraqueza de Ganga Zumba e a causa principal de sua queda. (PRICE, 2012, p. 61)

Alguns membros do Quilombo não aceitaram o termo estabelecido por Ganga Zumba, que acabou sendo envenenado por seus opositores quilombolas. A partir de então, o controle de Palmares passou para as mãos de Zumbi, que não aceitava negociar com as autoridades e preferia sustentar a situação de conflito. Com essa opção, estava traçado o caminho que culminaria na destruição deste grande quilombo.

No folheto, Medeiros Braga nos mostra em estrofes a rejeição do palmarinos ao acordo firmado por Ganga Zumba, ele versa sobre a morte do líder e a ascensão de Zumbi à liderança de Palmares, vejamos:

Ganga-Zumba, como chefe,
Para melhor conhecer,
Foi recebido em Recife
Com as honras do Poder,
Entendendo a regra exposta
Retornou com a proposta
Para o povo convencer

Porém, o grande Zumbi
Viu que, na preposição,
Só dar ao nascido ali

Em palmares, a livre ação,
 Era em lugar primeiro,
 Por um golpe traiçoeiro
 Duma nova escravidão.

Foi recusado o acordo
 Pela grande maioria,
 Do nascido e imigrado
 Que para ali convergia
 Para tornar realidade
 Um sonho de liberdade
 Que nasceu a rebeldia

Já passados alguns anos
 Ganga Zumba envenenado
 Morre, e assume Zumbi
 O poder muito aclamado,
 Cada um já tinha em vista
 Como grande estrategista
 Sendo dele liderado.

Zumbi ganhou respeito e admiração de seus compatriotas quilombolas devido as suas habilidades de guerreiro, a qual lhe conferia coragem, liderança e conhecimentos de estratégia militar. Era sobrinho do líder Ganga Zumba, lutou pela liberdade de culto e religião, bem como pelo fim da escravidão colonial no Brasil. Apesar disso, este líder também ficou conhecido pela severidade despótica com que conduzia Palmares, onde, inclusive, havia um tipo mais brando de escravidão. De todas as maneiras, não admitia a dominação dos brancos sobre os negros. Sobre Zumbi e o final do Quilombo dos Palmares. Vainfas (2012) fala que:

Do restante da história não me ocuparei detalhadamente aqui, por escapar aos objetos deste ensaio. Mas seus grandes traços são bem conhecidos: dissidência de líderes palmarinos que, sob a liderança de Zumbi, insistiram na insurgência; conspiração contra Ganga Zumba: assassinato do ex-líder por envenenamento; guerra entre facções palmarinas; desagregação do ajuntamento “oficial” de Cacaú. [...] A insurgência palmarina prosseguiu, como se sabe, e talvez com mais vigor a partir de tais episódios. Nenhuma possibilidade de negociação. Esforço supremo de guerra da parte dos colonizadores. Convocação do Bandeirante Domingos Jorge Velho para liderar uma expedição, homem talvez mais destemido que Estevão Baião e mais afamado do que ele nas lides da razia e apresamento de cativos. Derrota final de Palmares e morte do lendário Zumbi, em 1695.” (VAINFAS, 2012, p. 74-75)

No cordel, o personagem Zumbi é caracterizado como um grande guerreiro, sua ascensão à liderança encheu os palmarinos de esperança, pois acreditavam que Zumbi os livraria para sempre do sofrimento das fazendas dos senhores. Vejam na estrofe abaixo:

Daí que reafirma
De Zumbi a liderança,
Que se ascendem nos lares
As chamas da esperança,
A que provoca, ferrenho,
Nos senhores de engenho
A voraz desconfiança.

Medeiros Braga também nos conta, através de poesia, o fim do Quilombo dos Palmares, que depois de um ataque da expedição liderada pelo bandeirante Domingos Jorge Velho, tem seu líder morto.

Diante do que explanamos, é notório que os textos citados são exemplos de como o cordel pode ser utilizado como recurso didático pelo professor de História. Além da história dos Quilombos dos Palmares e do “descobrimento” do Brasil, outros temas podem ser abordados valendo-se dos cordéis. Apresentamos, deste modo, a viabilidade da utilização da literatura de cordel no ensino de História. Também podemos perceber que a literatura de cordel possibilita ao aluno o contato com as fontes históricas, estimulando a pesquisa, não apenas reproduzindo informações, muitas vezes engessadas, contidas no livro didático. A presente proposta, nesse sentido, poderá permitir ao professor colocar em prática os conhecimentos adquiridos na trajetória acadêmica. Outra imponte interessante é demonstrar que a licenciatura e o bacharelado não podem ser dissociados, não se pode praticar o exercício da docência sem pesquisa. O cordel possui a dinâmica de estimular a leitura entre os alunos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento histórico não é um dado único, definitivo; ao contrário, é uma interpretação, uma construção edificada por pessoas e grupos sociais de acordo com seus interesses pessoais e coletivos. No cotidiano da sala de aula, o trabalho com as fontes e a

pesquisa pode transformar o conhecimento histórico, a partir das discussões entre professores e alunos, em saber histórico escolar e problematização.

Ao usar a literatura de cordel enquanto recurso didático, o professor estará, de forma direta, evidenciando aos alunos que as visões e as representações contidas nos folhetos de cordel são condicionadas pela ideologia dos autores; ao mesmo tempo, oportuniza aos alunos o desenvolvimento da reflexão, da atividade crítica e, por fim, o professor contribuirá, nesse contexto didático-pedagógico, para que os alunos construam conceitos, levantem problemas, estabelecendo relações entre realidades (tempo/espaço) históricas diferentes.

Diante dos estudos realizados, notamos que a literatura de cordel, pelo fato de ser um gênero de caráter popular, ainda é pouco explorado, porém, mostramos neste artigo o quanto o cordel pode ajudar o professor na abordagem de diversos conteúdos, indo além, claro, das temáticas étnico-raciais. Marta de Souza Lima Brodbeck nos mostra que “o estudo e a análise de fontes históricas pode ser um ponto de partida do que entendemos como “o fazer histórico” na sala de aula, ajudando o aluno a desenvolver o espírito crítico, a interpretação e o significado de fonte histórica”. (BRODBECK, 2012, p.35).

Diante desses aspectos, a utilização da literatura de cordel como suporte na aprendizagem representa a inclusão de proveitosas ferramentas didáticas no ensino.

Com base nos diversos autores consultados, foi possível avaliar como o cordel está inserido no processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, o presente estudo pôde proporcionar uma maior reflexão sobre sua utilização como um recurso alternativo na prática pedagógica, e, principalmente, sobre o uso de novas metodologias que levam o aluno a construir seu próprio conhecimento. Essa perspectiva focaliza o papel do professor de facilitador/mediador entre a realidade e o saber, que surge como diferencial na atual sociedade. Marco Silva e Amélia Porto assinalam que “os professores, então, cumprem um importante papel de (re)produzir conhecimentos eruditos importantes para a sociedade e, ao mesmo tempo, são pensadores que produzem conhecimentos no espaço escolar”.(SILVA E PORTO, 2012, p. 10).

Nesse sentido, o uso da literatura de cordel no processo de ensino-aprendizagem representa a inclusão de ações pedagógicas voltadas à construção do conhecimento de forma crítica e atrelado à realidade.

6. REFERÊNCIAS

BRAGA, Medeiros. *O Quilombo dos Palmares – uma história de resistência e bravura*. Campina Grande. Ed. 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: história*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRODBECK, Marta de Souza Lima. *Vivenciando a História – Metodologia de Ensino da História*. Curitiba: Base Editorial. 2012.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. A arqueologia de palmares- Sua contribuição para o conhecimento da história da cultura afro-americana. In: REIS, João José ;GOMES, Flávio dos Santos (orgs). *Liberdade por um fio – história dos quilombos do Brasil*. 1ª ed. São Paulo, Claro Enigma, 2012.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Helder. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez , 2012.

PRICE, Richard. Palmares como poderia ter sido. In: REIS, João José ; GOMES, Flávio dos Santos (orgs). *Liberdade por um fio – história dos quilombos do Brasil*. 1ª ed. São Paulo, Claro Enigma, 2012.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (org.) *Liberdade por um fio – história dos quilombos do Brasil. Uma História de Liberdade*. 1ª ed. São Paulo, Claro Enigma, 2012.
SILVA, Manoel Monteiro da. *O holocausto dos homens nus*. Campina Grande. Gráfica Martins, 2003.

SILVA, Marco; PORTO, Amélia. *Nas trilhas do Ensino de História – Teoria e prática*. Belo Horizonte: Rona, 2012.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Aprender, ensinar e relações étnicas no Brasil. In: FONSECA, Marcus Vinicius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da; FERNANDES, Alexandra Borges (orgs). *Relações Étnico-Raciais e Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições. 2012.

SOUZA, José Otavio Catafesto de Souza. Reconhecimento oficial da autonomia e da sabedoria dos agentes originários e reorientação do projeto (inter)nacional brasileiro. In: BERGAMASHI, Maria Aparecida; ZEN, Maria Isabel Habckost Dalla; XAVIER, Maria Luisa Merino de Freitas (orgs). *Povos Indígenas e educação*. Porto Alegre: Mediação, 2012.

VAINFAS, Ronaldo. Deus contra Palmares – Representações senhoriais e ideias jesuíticas. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (orgs). *Liberdade por um fio – história dos quilombos do Brasil*. 1ª ed. São Paulo, Claro Enigma, 2012.